

Pedro Tochas assume-se como um apaixonado pelo trabalho que faz

Atrai-me ser um artista de rua

Define-se como performer, é comediante profissional há dez anos, muito embora tenha começado há 14, mas acima de tudo diz que é rebelde, irreverente e aventureiro. Carneiro de signo, nasceu a 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, Pedro Tochas considera que têm aparecido novos e bons profissionais da comédia nos últimos anos em Portugal, mas acha que se arrisca muito pouco no nosso país.

Isabel Damião

Apesar do sucesso que tem alcançado, Pedro Tochas tem os pés bem assentes na terra e a noção clara de que se não renovar constantemente o seu trabalho o êxito depressa vai por água abaixo. Por isso, continua a apostar e a investir em workshops de escrita de comédia e de expressão corporal, “pelo menos uma vez por ano, para continuar a progredir e a crescer como performer, porque é aquilo que eu sou”. Outro hábito que tem é dissecar e analisar cada espectáculo que faz, para ter uma noção do que resultou e do que não resultou. Além disso, faz questão de assistir a festivais de espectáculos de rua, a vertente que mais o atrai, no estrangeiro, de modo a adquirir novas técnicas e aprender sempre mais.

E é precisamente a faceta de artista de rua o estilo que continua a cultivar, tanto que na próxima semana vai participar num festival de teatro de rua, na Nova Zelândia. Por cá, reconhece que o artista de rua ainda tem uma conotação de mendigo, “o que por vezes dificulta a realização desse trabalho, porque o artista de rua, na sua essência, faz o espectáculo e passa o chapéu, e às vezes é um pouco complicado explicar às pessoas que se trata de um artista e que acima de tudo é uma opção. Ou seja, uma pessoa faz um espectáculo de rua porque quer, não porque não consegue uma sala de espectáculos”, esclarece. E exemplifica: “No meu caso é mesmo por opção. Gosto de fazer espectáculos de rua e de andar por aí à deriva”.

Além da Nova Zelândia, para onde ruma na próxima semana, Pedro Tochas já participou em diversos festivais de teatro de rua, na Austrália, Canadá, Irlanda, Escócia, Áustria, França, Itália.

Quanto ao público português Pedro Tochas diz que é como tudo, mas que normalmente reage bem ao seu trabalho. Isto, independentemente do sítio onde apresenta os seus espectáculos. E dá um exemplo: “Em Agosto do ano passado apresentei este espectáculo [«Versão I.D.»] em quatro países diferentes, em Portugal (no Festival do Sudoeste), na Irlanda, na Escócia e no Canadá, mas nunca para as comunidades portuguesas, e sim para os locais. E o facto de ter de me adaptar a culturas diferentes e a pessoas diferentes, faz com que tenha de procurar o que é mais universal”.

“É fundamental conhecer a cultura de um país”

Estudou em Inglaterra e está bastante familiarizado com a cultura anglo-saxónica. Porque muitas vezes na comédia não basta traduzir as piadas é preciso perceber a cultura. “Nós percebemos a comédia americana, porque conhecemos aquela cultura. Para eles é mais difícil perceber o humor português, porque não conhecem a nossa cultura. Uma pessoa manda uma piada sobre o Bush, toda a gente sabe quem é o Bush, se mandar uma

Alvaro C. Pereira



piada sobre o Cavaco Silva, só nós é que sabemos, e mesmo assim se calhar só metade do País é que sabe – ironiza – e nesse aspecto é mais complicado de fazer”.

“Deixo-me deslumbrar pelo mundo”

Gosta de todo o tipo de crítica, não faz é crítica daquilo que se passa semanalmente. Mas só por uma questão técnica. “Se trabalhasse na televisão ou na rádio

“Arqueologia de comédia”

Os temas que aborda no espectáculo que tem vindo a apresentar [«Versão I.D.»] são o sexo, a carreira, as técnicas de engate e o dia a dia. A razão é simples: “o «Versão I.D.» foi o primeiro espectáculo que fiz, por isso, o que apresento agora pode dizer-se que é uma arqueologia de comédia, porque eu próprio comecei a olhar para as piadas e achei que já não tinham graça, mas por razões históricas mantenho o guião. Naquela altura eram os temas que eu trabalhava”. E isto porquê? “Porque acho que uma pessoa tem de falar sobre o que conhece, muitas vezes eu faço espectáculos sobre a minha visão do mundo. E os temas andam à volta das minhas relações com as pessoas”.

podia ir por aí, mas para o tipo de trabalho que faço, normalmente é um espectáculo ao vivo, se escrevo coisas que aconteceram esta semana, daqui a três ou quatro semanas esse tema já ardeu. Então, o que eu tenho de fazer são espectáculos intemporais, mesmo quando é crítica política, tem de ser sobre grandes linhas – uma corrupção, os serviços públicos –, não sobre o que aconteceu hoje ao meio-dia”, justifica. Acrescentando: “Eu deixo-me deslumbrar pelo mundo, pelas coisas e depois falo disso. Para Tochas, o humor, acima de tudo, é a sua identificação e a sua relação com o público. “Quem vê os meus espectáculos vê que são muito fluidos, dinâmicos e orgânicos. O espectáculo vive muito do público e da minha interacção com ele”.

Relativamente ao humor em Portugal, considera que “está bom e a crescer”. Em termos de qualidade “com o tempo vamos lá. Tem havido coisas boas e coisas más. O Herman vai voltar ao humor, – eu não sou muito fã do Herman entrevistador, sou fã do Herman comediante –, estou curioso para ver. Além disso, há uma nova geração que surgiu, acho que faço parte dessa geração. Quando apareceu o Herman continuávamos a ter aqueles comediantes da velha guarda, o Raul Solnado, o Camilo. Depois apareceu o Herman e entretanto houve um período em que não apareceu mais ninguém. Nos últimos anos surgiu um grande número de actores de comédia, de comédia de autor e não de plágio, ou de anedotas com meia dúzia de palavrões pelo meio, – que também têm aparecido, mas isso não é nada. Como criação isso é um tipo de comédia que a mim não me diz nada”.

Apesar de tudo, Tochas não tem pudor em afirmar que “em Portugal acho que não se trabalha a sério nem se curte a sério, somos muito meio-termo. Por exemplo, na cultura anglo-saxónica quando é para trabalhar é para trabalhar, quando é para curtir é para curtir. Há uma disciplina. Aliás, basta atravessar a fronteira e já se nota isso”.

Se é ou não fácil fazer humor em Portugal, Tochas tem a resposta na ponta da língua: “É como tudo. Se se gostar daquilo que se faz é fácil, caso contrário não. Quando se gosta a pessoa dedica-se, acho que o grande problema em Portugal é que muita gente faz as coisas por motivos errados, só faz porque dá dinheiro. Depois, também acho que as pessoas não arriscam muito. Não se arrisca muito em Portugal”. Para mim é fácil porque adoro o que faço. Não me consigo ver a fazer mais nada. Agora, se uma pessoa vem para a comédia para ser famoso e ficar rico e nem gosta de fazer espectáculos... Acho que em qualquer profissão o dinheiro acaba por vir se se fizer um bom trabalho”.

E o Tochas arrisca? “Então não arrisco? Para a semana vou para a Nova Zelândia, sozinho, com a mochila às costas, participar num festival que só está marcado por e-mail.